

Suicídio entre jovens e a escola

Pedro Castilho
Maísa Moura

Introdução

Em relatórios epidemiológicos, o Ministério da Saúde analisou dados sobre mortalidade por suicídio, os resultados apontam que, comparando os anos de 2011 e 2017, houve um aumento de 10% na taxa de mortalidade por morte autoprovocada na população de 15 a 29 anos (BRASIL, 2019). No ambiente escolar essa realidade desperta preocupação de muitas professoras e professores, o que coloca, vista a gravidade, a necessidade de se produzir conhecimentos sobre essa realidade e elaborar formas de intervenções.

Pretende-se, para este trabalho, a realização de uma pesquisa que, por meio de conversas com estudantes, trate o tema do suicídio no contexto do ambiente escolar. O presente artigo trata sobre uma pesquisa em andamento, a discussão empregada aqui aponta sobre os resultados obtidos em estudos bibliográficos e a partir disso as escolhas metodológicas para a aplicação de uma pesquisa-intervenção.

Suicídio como fenômeno social: o discurso neoliberal e a ideação suicida

Entendemos aqui o suicídio como fenômeno social, assim como já em 1897 estabeleu Émile Durkheim em sua obra *O Suicídio* (2008). O sociólogo apresenta como nossas ações, pensamentos, sentimentos e desejos individuais encontram suas causas no coletivo, isso fará com que cada sociedade tenha uma aptidão definida para o suicídio que não pode ser explicada por características do meio físico ou experiências individuais. Para Durkheim o suicídio é, principalmente um sintoma da modernidade. A excessiva individualização, a ausência de laços sociais fortes, ausência de regulamentação jurídica ou moral, mudanças bruscas na organização social, são situações que podem levar indivíduos à morte voluntária.

Aproximando do contexto atual existem estudos que apontam como o modelo político econômico em que vivemos, o neoliberalismo, é um agente na produção e gestão de sofrimentos sociais (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER. 2020). Neoliberalismo é o nome adotado para teorias e políticas de Estado liberais que surgiram na segunda metade do século XX. Sua principal característica consiste em uma oposição teórica e política contra o Estado intervencionista, combatendo fortemente qualquer forma de planejamento estatal da economia, utilizando como artifício o discurso do ideal de liberdade extrema não somente econômica, mas também política.

Christian Laval e Pierre Dardot (2016), vão discutir sobre a condição de produção de um sujeito individual pelos procedimentos neoliberais. A tese que defendem é que o neoliberalismo é uma forma de racionalidade que vai estruturar e organizar as ações dos governantes mas também a conduta dos governados. “O neoliberalismo é a razão do capitalismo contemporâneo”, que produz um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que compõem um estado de governo gestado pelo princípio da concorrência. Essa razão vai ser incorporada não só pelos aspectos públicos mas também pelos sujeitos que vivem sob seus desmandos. Com o neoliberalismo os cidadãos vão ser vistos como consumidores de bens e serviços do governo e do Estado. A lógica que vai reger esse governo vai ser gestada pela economia de dores e prazeres e da vigilância de todos por todos. A partir disso é fabricado o novo sujeito neoliberal, as técnicas de coerção e docilização dos corpos é substituída pela nova gestão do sujeito que o façam se ver como um empreendedor de si, ou seja, ele trabalha para a empresa como se trabalhasse para si mesmo. A principal consequência disso é a imposição ao sujeito de um um trabalho interior constante, desse modo a economia é transformada em disciplina pessoal, na gestão de si mesmo, que é avaliada através de seu comprometimento subjetivo com o trabalho. (DARDOT; LAVAL, 2016)

A construção da juventude na atualidade

A psicanalista Maria Rita Kehl, discute sobre o processo de transposição do status social do jovem para apresentar como a juventude é um sintoma da cultura (KEHL, 2007), ou seja o que compreendemos como ser jovem atualmente é resultado de um processo histórico e de desenvolvimento cultural. Inclusive a própria ideia de juventude só veio a surgir a partir dos anos 1960. Esse conceito surge impulsionado pelo consumo e pelas lógicas do capitalismo, há uma nova percepção que enxerga os jovens como um grupo de consumidores. Essa lógica faz com que, a transição para a vida adulta onde os indivíduos buscam bases de apoio para construir uma atitude e um personalidade que acompanhem o seu crescimento físico, seja sinalizada pelos objetos de consumo.

A juventude se constituirá como modelo para o padrão de beleza, de liberdade e sensualidade para todas as faixas etárias, o jovem passa a representar o ideal social. O efeito dessa *cultura jovem* vai se dar no campo das identificações imaginárias de todas as idades, o desejo é a permanência inadiável na juventude (KEHL, 2007). Estar nesse lugar de status social desejado faz com que os jovens sintam uma ausência de perspectiva para o futuro, que pode ter como consequência uma diminuição do trabalho psíquico e uma paralisação do desejo de

um sujeito que se recolheu dos embates fálicos da vida social, que por vezes se manifesta em tristeza, desânimo, inapetência para a vida.

O discurso neoliberal na Escola

O discurso neoliberal na escola corrobora para a produção das desigualdades. A escola neoliberal é pautada na eficiência, no desempenho, na rentabilidade. Cada aluno deve se ver como um empreendedor de si mesmo, como um “capital” com necessidades de investimento e capacidade de gerar lucro. Um dos principais alicerces desse modelo é a concorrência. Isso conduz a uma segregação escolar generalizada e sistemática. O discurso meritocrático apenas aumenta as desigualdades entre as crianças e entre as famílias (LAVAL, 2019). Como aponta Charlot (2019) “Os jovens encontram-se, assim, engajados em uma grande corrida escolar, regida por uma impiedosa lógica da performance e da concorrência – forma escolar do “livre mercado neoliberal.”

A lógica do lucro e da produtividade afetam a organização e os sentidos da escola, fazendo com que os sintomas sociais provenientes do contexto neoliberal (que discutimos em outro tópico), afetem o ambiente escolar e os sujeitos que o circulam. Laval (2019) aponta que desde o início da sua expansão o neoliberalismo mirou as instituições escolares. Uma das motivações fundamentais para isso é que, se trata de um lugar de formação de subjetividades. É o lugar da criação de “capitais humanos”, que podem - desde que voltamos para tal - alimentar um sistema produtivo baseado na concorrência, no individualismo, consumo e competitividade. Por isso, é importante pensar sobre as dimensões políticas desse sistema como componentes do tecido social que produz patologias e sintomas sociais.

Proposta metodológica para a pesquisa-intervenção

A escolha pela prática da conversação como metodologia de pesquisa, vem do princípio da escuta ativa. É um método que tem o objetivo de escutar o inconsciente e unir o tratamento à pesquisa e, desse modo, permite-nos examinar os sentidos dos sintomas e com base na singularidade e na palavra de cada um.

A conversação deve ser conduzida pela ética da psicanálise, que tem no uso da palavra beneficiar o sujeito, não encobrir o mal-estar mas buscar a construção de novos laços sociais. Não se deve buscar uma resposta ideal, que corresponda à norma, mas fazer que a palavra deixe escapar o real e permitir a multiplicidade de sentidos que possam surgir. Portanto a conversação deve ser conduzida para que a palavra não se torne divagações imprecisas e vazias de sentido para os sujeitos. Para isso, cada encontro será feito a partir de uma chamada

para um tema específico que será definido anteriormente, de acordo com o temáticas que possam interessar os/as jovens buscando a sua vinda ao grupo bem como disposição para a fala. Tais temáticas também poderão ser incluídas de acordo com possíveis questões pertinentes que possam surgir durante a intervenção.

Inicialmente os assuntos das reuniões são pensados a partir do que foi levantado nos estudos bibliográficos como parte dos sintomas sociais que são produzidos pelo neoliberalismo e que têm implicado a questão do suicídio atualmente. Como estratégia para despertar o interesse pelo compartilhamento da fala, serão escolhidas músicas que em suas letras se relacionem com a temática do encontro. Outras formas de participação e até mesmo de intervenções artísticas são consideradas. A ideia é ter a arte como ponto de partida e um fio condutor para a reflexão.

O neoliberalismo se fortalece pela ausência da possibilidade da fala que verbalize o real dos sujeitos, principalmente pela ausência dessa palavra coletiva, que permite a associação livre e coletiva. O uso da conversação vem do objetivo de constituir condições para a produção de perspectivas inéditas para os sintomas sociais e a construção de novos laços sociais. O uso da palavra com a corresponsabilidade e a dialogia se apresentam como condição para a emancipação humana. A emancipação humana se faz imprescindível para se estabelecer condições para enfrentamento ao mal estar. Como direcionamento da palavra, planeja-se para cada um dos encontros um tema que toque em questões que se relacionem com a ideiação suicida. Esses temas são: futuro/sonhos; Amor/Amizade/Coletividade; Meritocracia e Resistência; Liberdade; Corpo; Morte/luto.

Referências bibliográficas

BRASIL. Secretaria de vigilância em saúde. Ministério da Saúde. **Perfil epidemiológico dos casos notificados de violência autoprovocada e óbitos por suicídio entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil, 2011 a 2018.** Boletim Epidemiológico. Volume 50 | Set. 2019

CHARLOT, Bernard. **A questão antropológica na Educação quando o tempo da barbárie está de volta.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 161-180, jan./fev. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/v35n73/0104-4060-er-35-73-161.pdf>

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** Traduzido por Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação. Set /Out /Nov /Dez, 2003.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. Editora Martin Claret. Tradução: Alex Marins. 2008

KEHL, Maria Rita. **A juventude como sintoma da cultura**. Em Novaes, R., & Vannuchi, P. (Orgs.), Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação (pp. 89- 114). São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2007

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Tradução Mariana Echalar. 1ªed. São Paulo. Boitempo. 2019

SAFLATE, Vladimir. JUNIOR, Nelson da Silva. DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte. Autêntica, 2020.